

Língua e identidade cultural: um estudo onomástico em Antroponímia do grupo étnico pepel da Guiné-Bissau

Ivo Aloide lé*

ORCID iD [0000-0002-0423-0845](https://orcid.org/0000-0002-0423-0845)

Resumo (português): Pretende-se com esse estudo descrever o sistema onomástico da etnia pepel da Guiné-Bissau. Onomástico pertence a composição das ciências lexicais tendo como foco o estudo dos nomes próprios. Divide-se em duas disciplinas a toponímia que estuda os nomes próprios de lugares e antroponímia estuda os nomes próprios de pessoas, permitindo assim, a distinção dos indivíduos na sociedade facilitando compreensão da sua pertença ou não de um determinado grupo social. Neste sentido, este estudo toma como disciplina de estudo a antroponímia com o objetivo de descrever o sistema de nomeação do grupo étnico “pepel” da Guiné-Bissau. A metodologia é qualitativa e baseada no estabelecido por teóricos da área entre eles destaca-se (Dick, 1990,; 1992) que propõem estudar os nomes e sobrenomes a partir do aspecto linguístico, sua etimologia e a motivação social da sua escolha. O artigo está estruturado de seguinte forma: seção 1. Contextualização teórica essa seção conta com uma subseção 1.1 intitulado Nome e sobrenome relação social com a cultura do designado nessa primeira parte fundamentamos nas teorias que tratam do estudo nomes próprios de pessoas e a relação do nome com a cultura do seu portador. A segunda seção 2. Contextualização da localização do povo pepel de Guiné-Bissau. País e região, essa divide em duas subseções 2.1 Guiné-Bissau e 2.2 Os papéis. Contextualizamos o leitor sobre o grupo étnico Pepel, sua localização geográfica, suas práticas sociais e história deste povo. Terceira e última seção 3. Descrição dos nomes próprios dos Papeis, nela descrevemos e discutimos as possíveis motivações da nomeação das pessoas com os nomes descritos, também descrevemos o seus significados e por fim concluímos.

Palavras-chave: Onomástico; Etnia Pepel; Guiné-Bissau

Rasa i identidadi di kultura: Un studu di Onomastico na Antroponimia di rasa pepel di Guiné-Bissau

Rusumu (guineense): És studu misti diskirbi sistema onomástico di rasa pepel de Guiné-Bissau. Nome, onomástico i parenti di sensia di léxico ki ta studa nomi di kada kusa. I raparti na dus disiplina, toponímia ki ta studa nomis di kaus i antroponímia ta studa nomi di pekadur. Kusa ki ta djuda pa kusi kada kim na metadi di outro djitis i i ta djuda tan na sibi kal ki rasa ki alguin sedu ou ki kasedu pa bia di si nomi. Pa bia di kila, ku és studu kudji disiplina antroponímia pa pudi diskirbi nomis di pepel di Guiné. Kaminha pa fasi és tarbadju i kil di kualidadi i na bas di kil ki utru djintis fala badja, suma (Dick, 1990; 1992) és fala kuma pa studa nomi ku mantenha a partir di kil ku liguistas fala, sé origem i motibu di kudji nomi pa pui alguin. Nó tarbadju sturtura des manera: Contextualização teórica; Es rapati na dus parti, ki sedu: 1.1 Nome e sobrenome relação social com a cultura do designado. Na es purmeru parti nó tarbadja ku librus ki ta fala di studu di nome di djitis i relason di nomi ku rasa di dunu di nomi. Na sugundu parti, ki ta tchomadu 2. Contextualização da localização do povo pepel de Guiné-Bissau. País e regiã; i rapati tan na dus: 2.1 Guiné-Bissau e 2.2 Os pepéis. Nó konta skoleru sobri rasa pepel, nundi ki é fika nel, sé us di terá i sé istoria. Teseru parti tchoma 3. Descrição dos nomes próprios dos pepéis. Nes parti no konta kuma ki nomi di pepel ta skirbidu i ke kal motibu ku nomi ta pudu, nó konta, tan, ké ku kada nomi signifika na purtuguis pa kabantada nó kabanta ku palabra di kabantada.

Palabra tchabi: Onomástico; Etnia pepel; Guiné-Bissau

* Licenciado em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, Bahia, Mestrando em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo- Brasil.

Orasa na K'ikran ɔus ɔsee: ɔstudu Onomástico ɔe ɔntorponimia ɔsi ɔrasa bo ium bo si Guiné-Bissau

Pefal-falun olado karta (pepel): Ndo dje na kart ke pis itim bo yum bo si Guiné-Bissau. Kursu kai ka studar mi si banha aka ɔu itim, aka duo onomástico. ɔ dukonim ɔsensia aika duo lexiku, aika studar itim ɔnu. ɔairo ɔi kedisplina kɔpuguɔ, petoponimia pai ka studar i tim isi ɔɔɔak i pɔantropoɔnɔmia aka studar i tim banha. Kɔtim anka ɔu banha mero ɔi pɔɔof banha bo longho. Uɔ, kɔtim aka ɔu nda me orasa osi nha ɔi ɔ osi ani pɔ-ɔ. Par unu omiɔu, ɔ-studu-i djak pɔdisplina antropoɔnɔmia. Par pilun pis i tim bo yum bo si Guiné. Bɔk bu yaɔorbe par plemp butium-be. Bu leuno ɔɔ ɔnu ɔe si bo studar ɔe rasa djakun. suma (Dick, 1990; 1992) amiɔe dja par pestudar i tim na mtenha, ɔportir ɔe cunu ɔe si bo studar ɔe rasa djakun, ɔmair na ɔmotibu ɔɔui ka ki tim dato nto ɔu nha. Bu tiu-be ɔaɔo djei: Contextualização teórica. ɔ airo ɔe 1.1 Nome e sobrenome relaçaõ social com a cultura do designado. ɔo seson ɔru-i ndo tiú na ɔe liwri ɔai ka lado ɔstudu ɔsi itim banha i penin ketim na ɔrasa minɔ ketim. ɔe ɔpuguɔan, ɔ-keduoi 2. Contextualização da localização do povo papel de Guiné-Bissau. País e regiã: ɔ airo ɔe ɔe puguɔ 2.1 Guiné-Bissau e 2.2 Os pepéis. Ndo ɔupe banha ɔun boi um duknoɔi ɔus ɔsee na ɔetuntilan boko. ɔ adjeɔa aka duo 3. Descriçaõ dos nomes prõprios dos pepéis. ɔo mparti-i ndo rup me si itim bo ium ai ka piso, na motibu me si ki tim aika dato par par peɔu nha, Mbuɔ, ndo sa ɔup ɔun kada ketim djei pedja ɔo putuguis par petome ndo petomule na prim pe tome.

Prim keniglin: Onomástico; Etnia pepel; Guiné-Bissau

Primeiras Considerações

Este trabalho tem como objetivo descrever o sistema onomástico da etnia pepel povo localizado no Norte da Guiné-Bissau. Com intuito de identificar a estratégias de nomes dos pepéis, compreender a motivação da nomeação dos pepéis e evidenciar a relação dos nomes e as praticas culturais do grupo pepel através de estudo onomástico.

Onomástico pertence a grande área da lexicologia e está dividida em duas subáreas sendo eles toponímia e antropoímia. Ambas as disciplinas estudam os nomes próprios, mas com foco diferente, a primeira foca nos estudos dos nomes de lugares, o último é responsável pelo estudo dos nomes de pessoas. Por isso, para realizar a descrição do sistema de nomeação de povo pepel, recorreremos à antropoímia.

Essa descrição, não só permitirá a compreender os compostos nominais, a motivação designativa, o conceito de família ou parentesco e os usos de costumes dos povos pepel, mas também, servirá como material fundamental para os trabalhos dos futuros pesquisadores interessados nessa área. Dessa forma, acreditamos que este trabalho terá uma grande relevância social e acadêmica, por ser um dos poucos ou a única com foco específico no estudo onomástico de etnia pepel.

Para este estudo, realizamos a pesquisa bibliográfica e de forma fácil conseguimos literaturas que tratam da temática da onomástica no contexto geral, mas não encontramos

nenhum texto ou estudo específico sobre onomástica da etnia pepel de Guiné-Bissau. Este foi um dos problemas que encontramos na nossa pesquisa. No entanto, para contextualizar sobre o povo pepel, tomamos trabalhos da área de história e sociologia. Para obtenção dos dados que foram submetidos à análise e discussão neste trabalho, foi necessário realizar entrevista com os pepéis via internet. Para tal, entramos em contacto com quatro (4) informantes que nos forneceram um total de 50 nomes próprios tipicamente de pessoas da etnia Pepel, somado com mais 6 nomes coletados nos outros textos. Assim, analisamos um total de 56 nomes próprios de pessoas deste grupo.

Tomamos cuidados de pedir os nomes apenas aos informantes que pertencem a etnia Pepel. Todos os nossos informantes vivem na Guiné-Bissau, concretamente na região de Biombo, são falantes nativos da língua pepel e tem entre 26 a 60 anos de idade

Para descrição, dos nomes próprios de pessoas, baseamos no modelo metodologia utilizado pela Embaló (2009) na elaboração da lista dos nomes próprios de pessoas da Guiné-Bissau. Portanto, fizemos uma descrição enciclopédica explicando o significado literal e inferencial do nome, o gênero sexual do designativo. Quer dizer, se o nome (**n**) é masculino (**m**), feminino (**f**). e/ou os dois (**m.f.**) e descrevemos também a composição morfossintática do nome próprio, isso não só, permitirá o leitor a compreensão da composição dos nomes próprio do povo pepel, mas também a língua pepel.

Depois dos resumos em kryol, pepel e português e das considerações iniciais, o trabalho segue estruturado de seguinte forma: seção 1. “Contextualização teórica” nessa primeira parte fundamentamos nas teorias que tratam do estudo dos nomes próprios de pessoas e a relação do nome com a cultura do seu portador. A segunda seção 2. “Contextualização da localização do povo pepel de Guiné-Bissau. País e região” Contextualizamos o leitor sobre o grupo étnico pepel, sua localização geográfica, suas práticas sociais e história, deste povo. Terceira e última seção 3. Descrição dos nomes próprios dos pepéis, nela descrevemos e discutimos as possíveis motivações da nomeação das pessoas com os nomes descritos, também descrevemos o seus significados.

1. Contextualização teórica

A principal questão teórica deste trabalho é o nome próprio da pessoa e a sua relação social com a cultura a que pertence o seu portador. O ramo da lexicologia que ocupa do estudo dos nomes próprios chama-se onomástica que está dividida em dois campos de estudo, toponímia e antroponímia este último dedica-se ao estudo dos nomes próprios, sobrenomes e apelidos de pessoas e o primeiro encarrega dos nomes próprios dos lugares (RAMOS; BASTOS, 2010).

De acordo com Dick (1990), apesar de serem duas disciplinas de estudo onomásticas diferentes, isso não impede a proximidade entre eles em termos de função dos seus objetos de pesquisa, “os topônimos definem e precisam os contornos de qualquer passagem terrestre, os antropônimos referem [...] distinção dos indivíduos entre si no conjunto do agrupamento sociais” (DICK, 1990:178). A Antroponímia é a “ciência que estuda os nomes próprios individuais, em sua origem e alterações, tem, no onoma do grego, o pressuposto inicial para a fixação da teoria dos nomes” (Dick 1990:190).

Cientificamente, foi em 1887 que surgiu uma disciplina específica para o estudo dos nomes próprios das pessoas. Na informação trazida por (Dick 1992), o filólogo português Leite Vasconcelos que empregou pela primeira vez a disciplina da antroponímia com o objetivo de “designar os estudos dos nomes individuais com o dos sobrenomes e apelidos [...] antroponímia indica uma importante disciplina, cujo estudo constitui excelente meio para conhecer os usos e costumes dos povos” (DICK, 1992:178).

1.1 Nome e sobrenome relação social com a cultura do designado

Os nomes próprios tanto de pessoas enquanto de lugares estão além da simples identificação dos lugares e indivíduos no Globo terrestre, quer dizer, que o nome de uma pessoa não só serve para que ela seja identificada dentro da sociedade da qual faz parte e registrada nos documentos oficiais do estado ou religiosos, mas também, é um registro de acontecimentos, de homenagens, de proteção, de pertencimento, ou melhor, é, “por assim dizer, verdadeiros registros do cotidiano, manifestado nas atitudes e posturas sociais que em certas circunstâncias, a não ser através deles escaparia as gerações futuras” (DICK, 1990:178).

Partindo desse pressuposto, faz sentido dizer que atribuição dos nomes próprios de pessoas não é arbitrária e nem são apenas simples léxicos que servem para diferenciar os ser humanos, mas existem fatores sociais que estão relacionados a escolha

da denominação de uma criança. Portanto, estes aspectos sociais que podem ser revelado nos nomes de pessoas “estão ligados aos motivos que em determinadas épocas e regiões, orientavam a criação dos antropônimos, os quais, dessa forma se tornavam aptos a refletir os costumes das civilizações envolvidas, como manifestações culturais do seu povo [...]” (DICK, 1992:181).

Reforçando a ideia dos aspectos sociais e semântico do nome apontado por Dick (ano?), Fustinoni (2016) afirma categoricamente de que:

O nome indiscutivelmente está ligado à ordem simbólica do sujeito, não só do sujeito, mas de seus familiares, já que, quando se nomeia uma criança com seu o nome, nome que carrega também um sobrenome, banhando-a na história imaginária da família, inserindo-a na continuidade de uma filiação, somando-se as linhagens maternas e paternas. Assim, para o pequeno sujeito, seu nome e seu sobrenome não o inserem somente na ordem social, mas também na meada transgeracional, pois as coisas só tem sentido porque são nomeadas e designadas para tal função, nomear algo implica dar sentido a algo. (FUSTINONI, 2016: 2)

Dessa forma é possível postular que o nome próprio permite conhecer a cultura de um povo “uma vez que o modo como a língua retrata a visão de mundo de um povo evidencia a inter-relação que se [...] estabelece entre língua, cultura e sociedade. Levando em consideração essas várias possibilidades [...]” (MELO, 2012 : 54).

Percebe-se nesse argumento a concepção da língua como uma identidade cultural de um determinado grupo social. Todas as práticas culturais e sociais de uma etnia giram em torno de sua língua, o que não escapa ação de nomeação porque, para nomear, o homem sempre apropria dos elementos linguísticos disponível na sua língua e os organiza de acordo com a sua intenção considerando circunstância ou contexto que o designativo terá sentido, assim resulta o motivo da escolha de um determinado nome.

Portanto, descrever nomes próprios de um povo pode revelar vários fatores sociais e culturais que motivaram a sua escolha. O nome é uma expressão da língua e palavra. Por isso, que “a Onomástica, seja em sua vertente toponímica ou antroponímia, se vale da língua para detectar fatos e motivos superpostos durante os séculos, proporcionando um resgate de memória coletiva” (CARVALHINHO, 2007 : 1).

Dessa forma, estudar o nome próprio de pessoas ajuda compreender melhor a situação histórica e social de existência dos membros de um grupo pois, o nome próprio de pessoas expressa “a existência da intersubjetividade e do inconsciente. Ele é mensagem e mensageiro de mitos que são transmitidos de geração em geração. Ele é

também pura virtualidade enviando através das associações múltiplas ao universo do sujeito” (RABINOVICH, *et al.* 1993 : 85).

Essa associação múltipla do nome pode ser compreendida na definição das classes de palavra de Ribeiro; em informação trazida por Araújo (2007).

Ribeiro (1881), ao conceituar classes das palavras, afirma que servem para distinguir os seres, os objetos, as qualidades, as substancias reais e abstratas, as ações os diversos estados das pessoas, das coisas, todas as manifestações da vida, todos os fenômeno, até mesmo os que caem sob o domínio da imaginação e do futuro, o contingente, a absurdo, o impossível [...] as relações inumeráveis de tempo e de lugar, de gênero e de espécie, de número e de qualidade, de causa e de causa e efeito [...] (RIBEIRO, 1881 : 61-62 apud ARAÚJO, 2007 : 63).

O autor não menciona o nome, mas entende que o nome é uma palavra. O ato de nomear é realizado por meio de uma palavra dita e fixada para designar uma pessoa ou objeto do mundo real. “o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente” (BIDERMAN, 1998 : 91).

Ainda, de acordo com Biderman (1998), a ação de dar nome, isto é, a utilização da palavra para referir coisas fora da língua é um poder especificamente do ser humano que o permite identificar e distinguir tudo o que encontra a redor dele e o proporciona estruturar o mundo que o rodeia através do léxico expresso. Assim, “o léxico é um conjunto de representações, isto é, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve” (BIDERMAN, 1998:9).

Essa concepção do léxico permite nos compreender melhor a dimensão maior da palavra, isto é, os elementos extralinguísticos embutidos nela.

Sendo assim, podemos afirmar que a palavra usada para nomear as coisas, principalmente, aquela utilizada para dar nomes próprios de pessoas não é arbitrária, porque, ao designar as entidades da realidade e identificá-los por meio da palavra expressa, o designador sempre leva em conta a circunstância, este que o motivará na escolha do nome, por isso, que acreditamos na existência de um vínculo entre o nome e o seu portador (BIDERMAN, 1998).

Essa motivação e vinculação do nome com o seu portador, enfrenta argumentos contrários na “coletânea de estudo” de (Dick, 1992). Um desses argumentos é de Mill (1879), ele acredita que o nome ao longo do tempo perde o significado original que motivou a nomeação do objeto ou indivíduo. O autor nega uma ligação do nome com o

seu portador, para ele é apenas um símbolo. Assim, o nome próprio nada mais é do que um simples vocabulário que só serve para identificar os ser e objeto, diferenciando-os nos seios dos outros (MILL, 1879:190 *apud* DICK, 1990:190).

Mas, esse argumento foi negado por Cassirer (1985 citado por Dick, 1990), que por seu lado afirma que “o nome não é um mero símbolo, sendo parte da personalidade de seu portador é uma propriedade que deve ser resguardada com o maior cuidado e cujo uso exclusivo deve ser ciosamente reservado” (CASSIRER, 1985 : 68 *apud* DICK, 1990:190).

Dick (1990) reflete sobre a teoria moderna da língua, que atribui o designativo próprio a função meramente “identificadora de indivíduos” ignorando a sua significação que infere o acontecimento que motivou a nomeação de pessoas. Em resposta a teoria de Mill, Dick afirma que os nomes continuam e continuarão a significar algo além da simples identificação e mesmo que não signifiquem como era nos tempos passados, a teoria antroponímia deve continuar o seu estudo sobre os nomes; o autor diz não acreditar “que a concepção mágica do nome esteja completamente extinta pelo predomínio de uma mentalidade moderna, mais racional e lógica.” (DICK, 1990 : 201).

Autor ainda afirma, que o nome próprio é capaz de preservar a memória coletiva de um povo, sobretudo nas sociedades orais, onde o registro e a forma de transmitir o conhecimento são feitas por meio da palavra oral transmitida dos mais velhos para os mais jovens, neste caso, o nome de uma pessoa pode aguardar atrás dele uma verdadeira história de um povo (DICK, 1990).

Orlandi (2009 citado por AQUINO, 2012), ao relatar a importância da língua para conhecimento da situação histórica e cultural ou como a identidade de um povo, Orlandi afirma de que “pensar o nome da língua é tomar em conta a história do saber produzido sobre ele, é conhecer a história da própria língua em sua prática e funcionamento, é analisar as injunções da conjuntura política e social, é apreender a constituição de seu sujeito”. (ORLANDI, 2009:193 *apud* AQUINO, 2012:71).

Portanto, se convertermos a teoria acima em estudos dos nomes próprios, podemos afirmar que o nome próprio de pessoas é uma forma de utilização da linguagem humana para designar as coisas e dá-las a existência, porém, essa palavra designadora está embutida nos vários fatores extralinguísticos que influenciam na sua escolha. Dessa maneira, existe um vínculo com o nomeador e o nomeado. Por essa razão estudar o

nome facilita a conhecer situações socioculturais e históricas de que pertence o seu portador.

Nessa seção procuramos compreender a relação do nome com o seu portador, para tal foi necessário apresentar várias teorias que comprovam a dimensão linguística, cultural, social, histórica, antropológica do nome próprio de pessoas. A partir de argumentação dos autores percebemos que a onomástica não só limita nas duas disciplinas toponímia e antroponímia, mas abrange outras áreas e antroponímia não se estagna apenas a conhecer os nomes, sobrenomes e apelido próprios de pessoas, mas procura conhecer outros fatores que ligam a escolha dos designativos.

É nesta linha de ideia que este trabalho toma como disciplina da onomasiologia, antroponímia com o objetivo de conhecer usos e costumes dos povos papeis através da discrição dos nomes próprios de pessoas deste grupo. A seção a seguir apresenta a contextualização sobre os papeis.

2. Contextualização da localização do povo papel de Guiné-Bissau: país e região

2.1 Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau é um país africano situada na costa Ocidental do continente, entre sua limitação geográfica, faz fronteira com dois países nas três províncias norte leste e sul: ao Norte fica Senegal, Leste e sul é limitado com a República da Guiné (Guiné-Conacri), Na costa Ocidental é banhada pelo Oceano Atlântico. Além da Zona continental a Guiné-Bissau, também, possui a zona costeira composta por arquipélago de Bijagos que conta com cerca de 80 ilhas. A sua dimensão superficial corresponde a totalidade de 36.125Km², mas devido às causas naturais ou fenômenos da natureza, o território habitado é de apenas 24.800km² (AUGEL, 2007).

Em relação, a composição social de seu povo, a Guiné-Bissau não possui característica diferenciada dos outros países africanos, no que se refere à diversidade étnica, cultural e linguística. Apesar de uma extensão territorial geograficamente pequena e uma população estimada de 1,5 milhão de habitantes, “ali vivem dezenas grupos e subgrupos étnicos muitos heterogêneos, com suas culturas próprias, suas línguas em grade parte muito diferentes uma das outras” (AUGEL, 2007:76). Entre as etnias da Guiné-Bissau com maior número da população, destaca-se: “Fula com (28,5%); Balanta (22,5%); Mandinga (14,7%); Papel (9,1%); e Manjaco com (8,3%)” (CENSO, 2009:22).

O país é composto por oitos (8) regiões, dividida em três províncias, a saber, Norte, Sul e Leste. As regiões estão habitadas de forma heterogênea e com a predominância de algum grupo étnico.

Na última seção apresentamos a situação geográfica do país o qual pertence à etnia Papel. Na seção seguinte contextualizamos especificamente sobre os papeis; a região da qual esse grupo possui maior número da população e com base no trabalho de Américo Campos (2016) compreenderemos a estrutura social dessa etnia.

2.2 Os papeis

Como já abordamos, estudar antroponímia de um determinado grupo é conhecer a situação social, histórica e cultural de povo alvo (FUSTINONI, 2016) Ou melhor, estudar o nome próprio, sobrenome e apelido de pessoas permite compreender outros fatores extralinguísticos que estão ligados a história e a motivação da nomeação (MELO, 2012). É o que veremos nessa seção em relação aos nomes próprios de povos papeis que é alvo do nosso estudo.

A população da etnia Papel corresponde (9,1%) da população guineense e habita majoritariamente na região de Biombo (província Norte) e na cidade de Bissau (capital do país), a maior expressão é na região de Biombo com (64,7%), apenas (15,7%) habitam em Bissau (CENSO, 2009). Percebe-se que atualmente a região de Biombo é majoritariamente habitada pela população da etnia Papel, mas antes dessa etnia espalhar para essa região vivia no Sul do país concretamente na região de Quinara com sua organização social ou política vertical tendo como líder de todo grupo um Rei. Portanto, ao chegar a Ilha de Bissau o filho do Rei de Quinara fundara o reino de Bissau. Como podemos ler no trecho de (QUINTINO; CARREIRA, 1964 apud SEMEDO, 2010).

[...] Na ilha de Bissau, conforme a lenda foi Mecau descendente de um poderoso régulo de Quinara que aportou a ela, numa das suas excursões cinegéticas. Gostando do sítio, ali se fixou, fundando um reino, com o seu Muntchâke (feitiço), palavra que parece derivar de Utchâke, terra, chão, ou de Utchai, Irã. De Quinara trouxe a sua irmã mais velha, já casada, e as suas seis mulheres. A irmã garantia-lhe a sucessão, de acordo com a tradição tribal, segundo a qual é o sobrinho, filho da irmã uterina e não o filho da pessoa reinante, quem sucede no trono. Da irmã e das seis mulheres provieram as sete gerações de que se compõe o grupo. [...] Intoná, outra mulher, gerou a família Indjókómó, que povoou o Alto do Crim. (CARREIRA; QUINTINO 1964:75-76 apud SEMEDO, 2010:119).

Esta história foi considerada como uma lenda para os autores, (Carreira; Quintino 1964 *apud* Semedo, 2010). Mas no trabalho de Campos (2016) a trata de forma ampliada e a firma a fonte mais confiável e aceita que é a oral. Isto demonstra a importância da oralidade para uma sociedade ágrafa, a palavra preserva a memória coletiva transmitida de geração a geração. Até nos dias de hoje, a sociedade pepel é organizada dessa maneira: é o sobrinho filho da irmã que tem o direito de substituir o irmão da mãe no trono e herdar todos os bens.

Como podemos perceber no trecho acima que “da irmã e das seis mulheres provieram sete gerações de que se compõe o grupo.” Isto pode ser explicado de seguinte maneira: a sociedade pepel é composta por sete *Kinha* (Clã, geração, *djorson*) todo originária das seis mulheres do primeiro Rei de Bissau chamado de *Mecau* e da sua irmã denominada de Pedjenhum. De acordo com a lenda o *Mecau*, filho de um poderoso rei de Quinara saiu-se a caça e quando chegou à Ilha de Bissau gostou do lugar e, por conseguinte, decidiu ali instalar-se povoá-la para sempre. No entanto, para fundar o reino na ilha foi necessário trazer a sua irmã que lhe garantiria a sucessão no trono. De acordo com a tradição papel é o filho da irmã que sucede o tio, não o filho do irmão nem o filho da pessoa reinante. Portanto, *Pdjehum* gerou um Clã e outras seis mulheres geraram outras seis uma de cada, totalizando sete Clãs. Sem entrar em detalhes, podemos perceber melhor a história de sete clãs contado por Campos (2016). Campos (2016) contou a história de sete clãs de seguinte maneira:

PUNGENHUM, a irmã de Mecau gerou o clã *Intchassu*, no plural *Bissassu*, donde se teria originado o nome Bissau. De fato, este clã ainda hoje habita na cidade de Bissau. Os indivíduos desta geração diziam-se bravos como a onça e, por isso, escolheram o apelido *Nanque*. Hoje também usam o apelido *Ié*. Ocupavam posições de mando: eram reis, fidalgos ou *djagras*; *MALA*, uma das seis mulheres, gerou o clã *Intsó* (plural: *Bitsó*) que povoou Bandim. As pessoas desta geração escolheram como totem o sapo – *Có* – porque se dedicavam à agricultura, andavam metidos na água como os sapos; *INTSOMA*, outra mulher, gerou o clã *Indjokomo*, no plural *Bidjokomo*, que povoou o Alto Crim. Tinham como totem a hiena – *Cá* – pois eram destemidos guerreiros, atacavam como as hienas; *DJOKOM*, a terceira mulher, gerou o clã *Intsafinte*, no plural *Bitsafinte*, que povoou Safim. Usavam como totem a lebre – *Té* – pois se diziam matreiros como a lebre; *KLIKER*, a quarta mulher, originou o clã *Iga*, no plural *Biga*, que povoou Kliker (atualmente Calequir). Esta geração escolheu como totem a cabra do mato – *Sá* – pois afirmavam serem rápidos como este animal; *INTENDE*, a quinta esposa, gerou o clã *Intsutu*, no plural *Bitsutu*, que povoou Mindara. Usavam como totem timba ou urso

formigueiro – *Djô*. Finalmente; *INTCHOPOLO*, a sexta mulher, gerou o clã *Intsalé* (plural: *Bitsale*) que foi para Bissalanca. Esta geração escolheu como totem o macaco – *Indi* – pois eram hábeis a subir às palmeiras, para extraírem o vinho de palma (CAMPOS, 2016, p. 11-12).

Vale ressaltar que essa é só a estrutura geral de sete clãs da etnia pepel. Ainda existem subgrupos que subdividem entre três a sete linhagens a cada uma delas. Não entraremos em detalhes sobre essa divisão tendo em vista o caráter desse trabalho. Na seção seguinte pretendemos apenas discutir e descrever os nomes próprios de pessoas do grupo pepel, demonstrando a possível motivação da nomeação e seu composto formador.

3. Descrição dos nomes próprios dos Papéis

Abikidjar veio a lavora (n.m kidjar- lavora): nome dado a criança nascida no período da lavora.

Abikindjali veio à crise (n.m.f Abi-veio kindjali- crise): nome dado aos nascidos na época da crise agrícola, o ano em que a colheita não teve um bom resultado. Referi mais o ano de fome.

Abikit veio a colheita (abi-veio kit-colheita): nome dado a nascidos na época da colheita de arroz

Abiksare Veio a kansare (abi-veio ksare-cerimônia tradicional praticada por Papel e Manjaco). Nome dado à criança nascida na época da realização dessa cerimônia.

Abipkun Veio a carregar (abi-veio, pkum-carregar) depois da colheita de arroz no campo as mulheres a transportam para casa. Portanto o nome é dado para uma criança do sexo feminino nascida nesse período.

Abipsol veio para ir (abi-veio psol-ir) quando uma mulher pepel perde bebes por duas vezes, seguido, isso é interpretado como se fosse a mesma criança que foi voltou e foi de novo, nesse caso a terceira é recebe esse nome, que o fará envergonhar de morrer de novo.

Abiptene veio me ver (abi-veio pten-e- ver-me) quando os pais manifestam alegria de ter um filho ou filha que vai lhes cuidar ao longo da vida.

Abiruenlo não gosta de si (abir-não gosta uen-cabeça, lo-dele ou sua): literalmente não gosta da sua cabeça. Nome que faz inferência a inimigo.

Aluteni acordou-me (n.m.f. alute-acordou ni-me): nome dado a criança que fica acordada toda noite para mamar.

Atomnanghunu acabar com coisas (atom-acabar na-com nghunu-coisas): aquele que veio para por fim as coisas ruins podem ser brigas familiares, entre vizinhos ou alguns obstáculos provocado por espíritos malignos, mas a criança veio para colocar paz dentro da família.

Ayakinha ele vai a clã (A-ele ya-vai kinha-Clã ou linhagem): nome dado a criança nascida na época em que o pai vai para herança do tio ou irmão da mãe (chamada de mãe macho), pois, apesar da sociedade Papel ser matrilinear, uma pessoa ainda é protegida pela força divina e Ancestrais de Clã Paterna, só passará a ter proteção da parte materna a partir do momento que substituirá o tio materno no trono da família.

Ayelpal recusa a crescer (n.m.f):

Bapan Cuidar de mim (n.m.f bap-cuidar na-mim): o nome que refere a importância de uma mãe para o seu marido e que só ela pode-o aguentar, portanto pede que ele a cuide, pois se deixá-la escapar não achará nenhuma mulher que lhe aceite casamento.

Bikinhor que me acompanhe (bi-que ki-me nhori- acompanhe): refere a poder divino (Deus) como uma forma de proteção.

Bobadja eles diziam (n.m.f bo-eles Ba-passado dja-dizer): nome dado para referir alguma coisa dita contra você. Por exemplo, quando vocês não gosta de trabalho como lavoura os papéis dizem que não vai conseguir casar, pois ninguém vai deixar a filha casar contigo para morrer de fome. Dessa maneira, quando a pessoa casar e está bem com sua mulher em termo de alimento, dá-se esse nome para referir o que falaram sobre ele.

Bodjeuro eles amam (n.m.f): nome dado para expressar amor dos pais e mostrar que ninguém pode os separar.

Bokiyori que me engolem (n.m.f bo-3pl ki- que yor –engolir i-me): nome referi aqueles que não gosta de mim que me engolem ou vai ter que me engolir assim mesmo, mas não vou mudar a minha forma de ser.

Boméni meus conhecedores (n.m. mé- conhecer e saber bo+ni forma meus): o nome que expressa o sentimento de desprezo que a mãe passa por parte da família e espera que o filho seja o único a reconhecê-la como pessoa ou gente.

Bonhouni minhas lavadeiras (n.f Bo-3ªpl nhou-lavar ni-suf de Posse meus, minhas): nome dado a primeira criança do sexo feminino. Pois, quando um dos pais falecer é a

filha mais velha que tem o direito de lavar o cadáver, dessa maneira, o nome expressa sentimento de alegria de que tenho alguém que vai lavar o meu cadáver. Vale informar, que a cerimônia fúnebre é muito fundamental para os Papeis.

Borifini eles não me contaram (n.m.f bo-eles ri-não fi-contar ni me): nome dado para referir um sentimento de exclusão dentro da família (família aqui é diferente do contexto ocidental), que pode ser interpretado como não contaram comigo.

Djakli Desmentir (n.m.f.)

Djompó demora a ser (n.m.f djom-demora pó-ser): um casal que vive de briga, mais ficou muito tempo sem brigar. Portanto o nome é dado para referenciar esse momento.

Kakla Repetir (n.m.f)

Kindole Fulano (n.m.f)

Maki Doente (n.m.f. mak- doença i- indica aquele que está doente): nome dado à criança que nasceu com algum problema de saúde ou febre constante.

Mbapnde Cuidei de vocês (n.m mbap- cuidei nde- vocês): o nome dado para referir o trato bom que uma mãe tem feito a alguém, mas que não recebeu boa recompensa.

Mbau Branco (n. m): aqui não se refere a cor branca, mas do estrangeiro, europeu e elite.

Mbi hóspede (n.m.f): nome dado à criança cuja nascença concede com a chegada de um hóspede.

Mbine trouxe (n.m.f):

Mpile Menina (n. f)

Mpilebeli menina veio (n. f. mpile-menina bele-veio): o nome dado à primeira criança do sexo feminino que veio depois de um menino ou mais.

Mpilecá Menina Cá (n.m. Mpile-menina Cá-apelido) nome dado a descendentes de N'toma a mulher que gerou clã N'ndjukumó, no plural Bôdjukumó, que povoou o Alto Crim. Tinham como totem a hiena – Cá – pois eram destemidos guerreiros, atacavam como as hienas.

Mporx Menino (n.m.f)

Munkul Lagrima (n.m) após a morte de um papel é realizado a cerimônia de *toka choro* (espécie de uma missa), três dias depois dessa cerimônia é realizada outra chamada de munkul ou kunu nessa procura-se saber o que está na origem da morte e é neste dia que todas as informações sobre malogrado podem ser contadas se ele está devendo ou alguém esta devendo ele. Enfim, o nome é dado a criança nascida nesse dia.

Ndé Vocês (n.m.f).

Ndéielumbaka os neguem (n.m Ndé-vocês ielum- neguem baka- eles os): nome dado para referir negação de qualquer ação do inimigo.

Ndjenkle Branco (n.m.f.): aqui refere cor da pele.

Ndjieli Eu recuso (n.m Ndji-eu ieli- recusar): nome dado para fazer indireta alguém, nesse caso pode referir a um vizinho, marido e qualquer inimigo.

Ndjimé Eu Sei (n.m.f Ndji-eu mé-sei)

Ndjina preto (n.m.f.) cor da pele.

Ndjumkatén eu estou a ver (n.m.f Ndji- eu umka-ainda tén-ver. literalmente eu ainda ver): estou a enxergar ainda, não estou cego ainda.

Nhalon um alguém (n.m Nha-alguém lon-um): nome dado o filho único ou filho de uma mãe que foi a única filha e deu esse nome para referir a falta de irmãos/as na família.

Nhirx homem (n.m): nomeada a criança de sexo masculino.

Nkilnkilo Urgente-urgente (n.m Nkil-urgente nkilo-urgente): rápido-rápido quando os pais desejam que essa criança seja urgente nas suas ações futuramente dão esse nome.

Nlas falso (n.m.f que engana com a palavra): o nome que os Papeis chamam pessoas pertencente a grupo étnico Balanta. Portanto a fazer uma homenagem a esse grupo os papeis dão esse nome aos filhos.

Nşala Jovem (n.m).

Nsassunharx Nsassu fêmea (n.f. Nsassu-aquele de Clã sassu Nharx-Femea): geralmente os tios uterinos de Clã sassu dão esse nome para as sobrinhas como a forma de mostrar a grandeza ou importância de uma mulher na linhagem, através dela que a linhagem crescerá.

Odjeurx amaram (n.m.f)

Okanrx menino (n.m)

Okasantink passarinho pequeno (n.m.f Okas-passarinho ontink-pequeno): nome dado a criança que nasceu com peso abaixo de normal.

Okiko barulhento (n.m.f) nome dado a criança que ao chorar grita com voz aguda.

Ombendi águia, Voadora (n.m)

Ondole que faz (n.m.f)

Opekaro Castigo (n.m.f.) nome dado a criança para repudiar o sofrimento e a falta de sorte dos pais no ano em que nasceu a criança ou durante a toda vida como casados

Ossai Irã (n.m.f): espécie de divindade na religião tradicional dos povos Papel, nome dado como uma forma de evocar a proteção de Irã.

Potan acrescentar-me (n.m pot-acrescentar an-me): nome dado a criança que nasce de uma mãe com poucos irmãos uterino. O nome assim referi mais um para reforçar a linhagem, pois a sociedade Papel é matrilinear.

Considerações finais

O nosso objetivo neste estudo foi de descrever o sistema onomástico da etnia papel. Apesar das dificuldades de encontrar materiais teóricos especificamente sobre antropônimo desse povo, conseguimos descrever os nomes com base nos outros estudos sobre nomes próprios de pessoas.

Percebemos nessa descrição que os pepéis a semelhança dos outros povos escolhem o nome de uma criança levando em conta a circunstâncias de nascimento e outros fatores extralinguísticos. Dessa maneira, podemos afirmar o que foi dito por Carreira e Quintino (1964) de que a escolha dos nomes pelos povos da Guiné Portuguesa (Guiné-Bissau) obedece a uma perspectiva diferente da escolha dos nomes de povos ocidentais, pois a maioria da nomeação considera “o evento ocorrido na altura do nascimento ou aleitamento” (CARREIRA; QUINTINO, 1964 *apud* DICK, 1990) enquanto que os povos ocidentais na maioria das suas nomeações procuram os nomes que evocam a divindade cristã.

Portanto, ao longo da nossa descrição é possível perceber que as maiorias dos nomes próprios dos pepéis têm como o fator motivacional o evento ocorrido na altura do nascimento da criança, isso nos permite compreender as práticas sociais de uso da língua pepel para referenciar fatores extralinguísticos através da escolha dos nomes próprios de pessoas desta tribo.

Referências

AQUINO, J. E. Os nomes da língua na Grammatica Portuguesa de Júlio Ribeiro. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, S/v. n. 30, p. 71-99, 2012. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao30/artigo5.pdf>>. Acesso em: 11 dez 2019.

ARAÚJO, W. S. *Os pronomes: Uma classe de palavras léxico-gramaticais em retrospectiva*. 2007. 167 f. Dissertação (mestrado em linguística) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

AUGEL, M. P. *O desafio do escombros: nação, identidade, pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BIDERMAN M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo. S/v. n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59660>. Acesso em: 03 mai 2020.

CARVALHINHO P. J. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de linguagem*, v.1. n.1. p.1-18, 2007. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401/6686>. Acesso em: 03 mar. 2020.

DICK, M. P. V. A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudo. 2.ed. São Paulo: FFLCH, 1990.

———. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudo. 3ª Ed. São Paulo: FFLCH, 1992.

EMBALÓ, F. *Nomes próprio de Guiné-Bissau*. *Blogspot*. 2009. Disponível em:

<<https://cart3494guine.blogspot.com/2009/02/nomes-proprios-da-guine-bissau.html>>

Acesso em: 25 dez. 2019.

FUSTINONI C. F. S *Nomes e sobrenomes: a marca de um sujeito*. Congresso multidisciplinar. 2016. Disponível em: <[http://www.cesuap.edu.br/anais/congresso multidisciplinar-2016/psicologia/nomes_e_sobrenomes_a_marca_de_um_sujeito.pdf](http://www.cesuap.edu.br/anais/congresso-multidisciplinar-2016/psicologia/nomes_e_sobrenomes_a_marca_de_um_sujeito.pdf)>.

Acesso em: 05 dez. 2019.

GUINÉ-BISSAU, R.G. P. H. *Características socioculturais*. Instituto Nacional de Estatística 2009. Disponível em: <http://www.stat>

[guinebissau.com/publicação/características_socio_cultural.pdf](http://www.statguinebissau.com/publicação/características_socio_cultural.pdf)> acesso em: 13 dez 2019.

MELO P. A. G. Uma interface línguo-cultural: Um estudo onomástico em topônimos da microrregião alagoana do Sertão do São Francisco. *Revista Memento*, Vale do Rio Verde. v. 3, n. 1, p.1-15, 2012. Disponível em:

<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/359/pdf>. Acesso em: 07 jun. 2020.

RABINOVICH F. P. *et al.* Atribuição de nomes próprios e seu papel no desenvolvimento segundo o relato dos nomeados. *Revista Bras. de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 3 n.2 119-137, 1993. Disponível em:

file:///C:/Users/Ivo/Downloads/37705-Texto%20do%20artigo-44351-1-10-20120810%20(2).pdf. Acesso em: 02 mai. 2020.

RAMOS, R.T; BASTOS, G. R. Onomástica e possibilidades de releitura da história. *Revista Augustus*. Rio de Janeiro, ano 15, nº 30, p.1-7, 2010.

SEMEDO, M. O. C. *As mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. 2010. 452 f. Tese (Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Recebido em: 17/03/2021

Aceito em: 30/04/2021

Para citar este texto (ABNT): IE, Ivo Aloide. Língua e Identidade Cultural: Um estudo Onomástico em Antroponímia do Grupo étnico papel da Guiné-Bissau. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.137-153, jan./jun. 2021.

Para citar este texto (APA): IE, Ivo Aloide.(2021, jan./jun.). Língua e Identidade Cultural: Um estudo Onomástico em Antroponímia do Grupo étnico papel da Guiné-Bissau. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(1): 137-153.